

O MÉTODO DE ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEXTOS FILOSÓFICOS EM GUEROULT E GOLDSCHMIDT

Sandro dos Santos Nogueira¹

RESUMO: *Este artigo pretende abordar duas questões: 1) De que forma podemos apreender a filosofia? 2) Qual é o Método mais filosófico na Interpretação dos Sistemas filosóficos? Com a finalidade de encontrarmos possíveis respostas é que nos limitaremos à análise dos textos de Martial Gueroult e Victor Goldschmidt, dois expoentes da historiografia francesa século XX que tanto a marcaram como legaram uma forma peculiar de se ler e escrever em história da filosofia.*

Palavras-chave: Método estrutural; Gueroult; Goldschmidt.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu da necessidade de elucidar a opção metodológica em projetos de pesquisas na área de Filosofia sob o enfoque estrutural. Assim, buscar-se-á justificar a utilização de um dos métodos mais recomendados na interpretação em filosofia, *o método estrutural*. Desse modo, queremos saber em que medida são apresentados elementos para a leitura e interpretação de textos filosóficos por meio da obra “*Lógica, arquetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos*” de Gueroult e do opúsculo “*Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*” de Goldschmidt. Neste sentido, se evidenciará os seus temas, as suas teses, os objetos de discussão e o plano dos textos com a finalidade de demonstramos *os princípios* do método estrutural em filosofia, seus *procedimentos*, suas *potencialidades* e por fim, a sua *aplicabilidade* no que tange a uma pesquisa filosófica.

Não temos a pretensão de esgotar todos os assuntos e conceitos que estão no liame dos autores supracitados, mas apenas abordar a temática: *o método de análise estrutural de textos filosóficos em Gueroult e Goldschmidt*. Para tanto, a nossa pesquisa se divide em dois momentos dentre os quais destacamos: 1) A relevância da análise estrutural em Martial Gueroult; 2) O método dogmático ou estrutural em Victor Goldschmidt.

1. A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE ESTRUTURAL EM MARTIAL GUEROULT

Nesse primeiro momento, partimos da análise de um opúsculo filosófico magistral publicado em 1957 de autoria de Martial Gueroult (1891-1976) o qual é intitulado de “*Lógica, arquetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos*”. O objetivo desse texto é apresentar a filosofia tanto em seus fundamentos e suas estruturas como em seu funcionamento e

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail – sandrosgnogueira@gmail.com.

suas respectivas exigências. Nesse sentido, Gueroult demonstra os movimentos internos e as combinações externas para a instauração de um sistema filosófico.

Segundo historiador francês, em regra, a filosofia teria dois momentos para ser consolidada, isto é, em um primeiro momento se destaca a *reforma do entendimento* por meio da qual um filósofo levanta um *problema*, propõe uma *teoria* pautada na exigência de universalidade, organizando as suas idéias numa *sistematização* dos conceitos centrais utilizando-se de um discurso pautado nos ditames da lógica, que são os princípios racionais. Por sua vez, em um segundo momento, que é denominado de *funcionamento de novas estruturas* Gueroult segue afirmando que é a partir dele que todo filósofo busca instaurar seu movimento por intermédio dos seus conceitos e das conexões com as áreas da filosofia que pretende estabelecer domínio através de uma adaptação progressiva das noções, obedecendo a um princípio de totalidade². Para demonstrar elementos desses momentos da filosofia e o que ocorre em cada um deles é que o texto está dividido em quatro partes intituladas, a saber: 1. A filosofia como problemática e sistemática, 2. O conceito da lógica da filosofia, 3. Pluralidade das lógicas da filosofia, 4. A arquetônica.

Em meio a tantas problemáticas levantadas neste texto denso e rico em terminologias filosóficas notamos que a preocupação do historiador francês foi a de resolver a seguinte questão: *de que forma é possível apreender a filosofia?* Gueroult defende a tese de que é apenas pela análise das estruturas do sistema e de suas imbricações que podemos apreender a filosofia, no entanto, somente compreenderemos a solução do autor na medida em que trilhamos o seu percurso lógico-discursivo destacando alguns argumentos. Nessa perspectiva, para que a análise estrutural possa ser efetivada de um modo profícuo devemos estar atentos para os quatro argumentos principais que encontramos em cada tópico do texto os quais demonstram de modo eficaz os seus movimentos lógicos. Concomitantemente, partindo desses argumentos lógicos é que são apresentados os elementos que devem ser considerados numa análise estrutural em história da filosofia.

Na primeira parte, Gueroult apresenta a filosofia como problemática e sistemática argumentando que: *“todas as grandes doutrinas podem se caracterizar a partir de problemas”* (GUEROULT, 2007, p. 235). Assim, se destaca a centralidade e a relevância do problema na filosofia, podemos até afirmar que a natureza de uma filosofia se forma a partir de um problema como podemos verificar ao longo da história da filosofia, por exemplo, na filosofia platônica, o problema do uno e do múltiplo; na filosofia aristotélica, o problema das causas primeiras, na filosofia cartesiana, o problema do fundamento da física e da matemática, na filosofia kantiana, o problema da possibilidade da ciência e da metafísica, na filosofia hegeliana, o problema dos vínculos entre o real e o racional. No entanto, em todas as filosofias se promovem teorias sob a égide de um método que possa dar conta realidade. Independentemente das teorias que se

² Esse princípio de totalidade é uma das características da própria filosofia e o que a difere da ciência. De acordo com Charbonneau (1986), a filosofia tem por objeto *o ser das coisas*, ao contrário das ciências experimentais que tem por objeto de estudo os fenômenos. No que diz respeito as causas investigadas tanto por uma como pelas outras, a primeira (filosofia) investiga *as causas últimas ou primeiras* enquanto que a segunda (ciência) passa a investigar *as causas próximas e imediatas*; A filosofia possui uma classificação natural, ou seja, *classifica os fatos enquanto distintos na realidade*, ao passo que a classificação científica é de ordem empírica, ou seja, *os fatos são agrupados no intuito de facilitar as pesquisas e a experimentação*; O critério de análise da filosofia parte da *distinção (real ou específica)* enquanto que a análise promovida pela ciência experimental parte da *semelhança* fundamentando-se nas aparências. Em relação às leis, a filosofia está referida ao *conhecimento das essências das coisas*, ao contrário das ciências que se referem aos *fenômenos e as causas acidentais*. Por fim, com relação aos problemas, a filosofia estuda aqueles que atingem *ao ser e ao agir humano*, ao passo que as ciências estudam a maneira como se produzem *os fenômenos*. Desse modo, podemos notar que a filosofia não é uma ciência porque *“outro é o seu método, outro seu objeto, outra sua razão de ser”* (CHARBONNEAU, 1986, p. 63).

configuram com a tentativa de solucionar o problema, os filósofos devem demonstrá-las por meio de argumentos lógicos, isto é, claros e precisos. Nesse sentido, Gueroult conclui que:

[...] a técnica de toda filosofia é sempre um método de essência lógica e construtiva, visando ao mesmo tempo à inteligência e à descoberta, perseguindo a solução de um problema e a instauração de uma verdade considerada como demonstrável direta ou indiretamente. (GUEROULT, 2007, p.237).

Conseqüentemente, na segunda parte, Gueroult demonstra o conceito de lógica da filosofia argumentando que o elemento lógico deve assumir não uma função de tradução, mas de validação e de constituição da filosofia. Negar o exercício dessa linguagem é o mesmo que perder o estatuto do discurso filosófico que é a validade lógica. Assim, todas as filosofias se “constituem por combinações de razões e conferem essa necessidade e validade universal que fazem de cada uma delas um objeto”. (GUEROULT, 2007, p.239). É justamente, pela descoberta das leis que regem essas combinações que podemos atingir ao conceito de lógica na filosofia.

Com essa finalidade é que na terceira parte, Gueroult destaca a pluralidade das lógicas da filosofia argumentando que nenhuma filosofia pode escapar da sistematização eminentemente lógica, pois,

[...] há tantas ciências especiais quanto há filosofias diferentes, e, conseqüentemente, não uma lógica de toda filosofia, mas tantas lógicas quantas filosofias houver. A determinação dessas lógicas e dessas estruturas próprias a cada sistema exclui a instituição de uma lógica transcendental das filosofias deduzidas a priori e válidas a priori para todos os sistemas possíveis. (GUEROULT, 2007, p.242).

Cada filosofia possui a sua lógica própria, isto é, a sua lógica interna que é garantida pelo arcabouço teórico de seu autor. Nesse sentido, as leis que emergem na sua estrutura fazem parte de sua identidade e não podem valer para as demais. “A ordem cartesiana das razões vale apenas para Descartes, a combinatória de Malebranche apenas para Malebranche [...]”. (GUEROULT, 2007, p. 242). Conclui-se, então, que cada filosofia é fechada em si mesma, isto é, sua estrutura e seus conceitos lhe são próprios. Por isso, todas elas possuem em comum um discurso implícito ou explícito de seu método.

Mas como estabelecer as combinações na filosofia? Seria necessário o aparecimento de um conceito que possibilitasse essas correlações, por isso, na quarta parte, Gueroult elucida o conceito de arquetônica argumentando que:

[...] todo sistema filosófico resultará na arquetônica, já que é uma totalidade que coordena, no interior de seu conceito, o conjunto de suas noções fundamentais, de seus problemas e de suas soluções. A diversidade e a heterogeneidade das regiões (conhecimento, ciências, arte, religião, direito, moral, etc.), que uma filosofia deve abarcar em seu problema total, não lhe permitem se desenvolver em apenas uma única série. Ela deve enfeixar várias regiões, da mesma forma que deve coordenar vários tipos de noções fundamentais. (GUEROULT, 2007, p. 244-245)

A arquetônica possui a função de reunir várias regiões, mas isso somente se torna possível se houver homogeneidade entre todos os elementos considerados, por exemplo, unindo as regiões e os problemas que lhe são inerentes e heterogêneos. Visando a homogeneidade é que

a arquitetônica intervém por meio de simetrias (correspondências, analogias) e suas extrapolações permitindo “*ao filósofo formar para si mesmo sua doutrina provando-a. Com efeito, é pela simetria e pela extrapolação que pode se estender a uma nova região a fórmula relacional típica já aplicada noutra*”. (GUEROULT, 2007, p. 244-245).

Como vimos, um sistema filosófico somente pode ser apreendido na medida em que analisamos a sua estrutura constitutiva formada pelos seguintes elementos: problema, teoria, sistema, lógica e arquitetônica com algum tipo de teoria do conhecimento, dentre os quais se destacam: a psicologia, a lógica e a ontologia³. Caso contrário, como considerar a lógica interna que cada filosofia possui? Nas palavras de Gueroult:

Uma vez que toda filosofia se constitui inteiramente pela combinação de procedimentos de lógica pura e de arquitetônica, colocada em funcionamento em condições variáveis e segundo pressupostos diversos, **é apenas pela análise dessas estruturas e de suas imbricações que podemos apreendê-la**. Com isso, se justifica certa metodologia da história da filosofia, tendo em vista que esta história é concebida como o que deve dar acesso às realidades espirituais eternamente vivas nos grandes monumentos filosóficos. Este método comanda o estudo monográfico, a descoberta das estruturas constitutivas e das combinações que delas decorrem. (GUEROULT, 2007, p.246, grifos nossos).

Este método é eficaz porque observa a filosofia, saber caracterizado pela compreensão da totalidade descrevendo-a na sua própria totalidade. Ora, foi realmente uma análise estrutural da filosofia considerando os seus principais aspectos que o historiador francês se propôs a investigar e na qual apareceram os **termos** “técnicos” do vocabulário filosófico tais como: *filosofia, lógica, arquitetônica, estruturas, sistema, sistematização, problemática, razão, conceito, idéia, reforma, funcionamento, totalidade, homogeneidade, unidade, combinações, regiões e monumento*. Mas todos esses termos não viriam à baila sem essa técnica que é imprescindível para o labor filosófico. Nas palavras de Gueroult:

A passagem para este outro mundo a cada vez diferente para o qual nos convida cada filosofia só se realiza pelo desencadeamento efetivo de processos intelectuais que determinam sua construção ao mesmo tempo em que desenvolvem sua visão. Negligenciá-los, para se limitar a expor asertoricamente seu conteúdo doutrinal, e considerá-los como uma coleção de dogmas, é se fechar o acesso a esses mundos; é imaginar que possamos narrar uma filosofia, o que seria tão absurdo quanto querer narrar um poema ou narrar a geometria. (GUEROULT, 2007, p.246).

Esse “outro mundo” que a filosofia nos apresenta possui seu caráter estritamente especulativo⁴, isto é, o mundo das Idéias que fundamentam um sistema numa ordem lógica. Tal

³ Gueroult (2007) demonstra quais são as relações das três sistematizações originais com a Teoria do conhecimento e suas respectivas implicações afirmando que: “Mas, visto que a teoria do conhecimento não pode se sistematizar sem recorrer pelo menos a uma das três sistematizações originais que são a psicologia, a lógica e a ontologia, ela irá conceber diferentemente seu problema segundo confira o primado a uma ou a outra. Se o primado for da ontologia, ela supõe que a mesma matéria ôntica [ontique] constitui o sujeito e o objeto, e que a relação entre eles está dada originalmente; ela parte desta relação para apreender as relações do sujeito com o conhecimento e do conhecimento com o objeto (monadologia leibniziana). Se o primado for da lógica, ela parte da relação do conhecimento (como objetividade) para o objeto para assim apreender as relações entre o sujeito e o objeto e entre o sujeito e o conhecimento (Escola de Marburg). Se o primado for da psicologia, ela parte da relação do sujeito com o conhecimento (como consciência) para assim apreender as duas outras relações”. (GUEROULT, 2007, p.240).

⁴ De acordo com o historiador francês Émile Bréhier (1876-1952) “Não há lei científica que não seja sob outro ponto de vista, regra de ação sobre as coisas: a filosofia é pura especulação, mero esforço para compreender, sem

ordenamento se encadeia partindo da problematização. Na medida em que se problematiza e não se reduz a uma narração da filosofia pode-se ter acesso a *ordem das razões* em que essas idéias estruturam e estão concatenadas numa harmonia. Adentrar nesse mundo significa vislumbrar o conteúdo, a doutrina, os dogmas da filosofia não como coisas do passado, mas de coisas eternas, ou seja, sempre atuais.

As duas citações acima aparecem no final do texto no qual Gueroult expõe minuciosamente e gradativamente os elementos fundamentais que constituem a filosofia a qual determina como deve ser a análise das estruturas. Se não fosse assim não seria necessária uma abordagem das condições de possibilidade para a instauração de um sistema filosófico, seu problema, conceito central, sua teoria de solução e suas combinações. Assim, tal análise deve se atentar para estes e outros requisitos essenciais que o constituem enquanto tal. Caso contrário, o pesquisador estará fazendo apenas uma coleção de histórias da filosofia⁵ que se resume em *vida, obra e doutrina* sem, contudo, “*dar acesso às realidades espirituais eternamente vivas nos grandes monumentos filosóficos*”. (GUEROULT, 2007, p.246).

2. O MÉTODO ESTRUTURAL EM VICTOR GOLDSCHMIDT

Nesse segundo momento, nossa análise se direciona ao opúsculo “*Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*”, do filósofo e historiador francês Vitor Goldschmidt. Sendo publicado em 1963, no Brasil, encontra-se disposto como conclusão da sua obra intitulada “*A religião de Platão*”.

O texto remete para a temática da interpretação em filosofia e se tornou emblemático para quem deseja se nortear por um método que se caracteriza por uma rigorosa *exegese* de obras filosóficas. O objetivo de Goldschmidt é o de elaborar um método que seja concomitantemente, científico e filosófico. Quer isto dizer que a História da Filosofia deve sua legitimidade se for essencialmente filosófica, sem perder os caracteres científicos. Nesse caso, o método estrutural possibilita esse nexos entre o científico e o filosófico. Nas palavras de Goldschmidt:

Pondo em primeiro plano "a preocupação pela estrutura" que, para citar ainda E. Bréhier, "domina decididamente a da gênese, cuja pesquisa tantas decepções causou", a interpretação metodológica pode, pelo menos, quanto a seu princípio, pretender-se "científica"; além disso, do mesmo modo que as outras exegeses científicas, às quais ela não visa substituir-se, ela supõe um *dever*, mas que seja interior ao sistema, e busca as causas de um doutrina, aquelas pelas quais o próprio autor a engendra, diante de nós. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.144-145, grifos nossos).

outra preocupação” (BREHIER, 1978, p. 13). A razão para explicitar a posição da filosofia em referência aos outros conhecimentos está no seu grau de abstração da realidade.

⁵ Émile Bréhier faz referência a essa idéia na introdução da sua obra História da Filosofia na qual conclui que: “As doutrinas filosóficas não são coisas mas pensamentos, temas de meditação que se propõe para a posteridade e cuja fecundidade jamais se esgota, senão em aparência, direções mentais que podem sempre ser retomadas [...] Ora, a pesquisa histórica deve permitir-nos captar o impulso original e a maneira pela qual se desenvolve, quando cessa, e se renova: a história não está terminada é o que jamais deve esquecer o historiador do pensamento. Platão ou Aristóteles, Descartes ou Spinoza nunca deixaram de estar vivos”. (BREHIER, 1978, p. 31).

Assim, percebe-se que Goldschmidt buscou a legitimidade científica da análise estrutural não para confrontar ou promover a substituição de outras análises existentes, mas para priorizar o movimento interno de um sistema propriamente filosófico e não permanesse apenas em seu movimento externo (condições históricas). Mas em que medida esta abordagem pode ser considerada filosófica? Nas palavras de Goldschmidt:

Filosófica, ela o é, na medida em que tenta compreender um sistema, conforme à intenção de seu autor. Indo mais além, ela poderia fornecer indicações, ao menos, para o que concerne ao problema da verdade formal de uma doutrina. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.145-146, grifos nossos).

Como vemos, não basta atender a exigência de cientificidade porque a condição necessária para legitimar esse tipo de análise somente terá respaldo entre os filósofos se possuir natureza filosófica. Por isso, a necessidade de uma análise estrutural em filosofia. A partir desse pressuposto, o problema central implícito no texto corresponde na seguinte fórmula: *qual é o Método mais filosófico na Interpretação dos Sistemas filosóficos?* Frente a esta questão aparecem no transcorrer do discurso do autor alguns termos “técnicos” do vocabulário filosófico dentre os quais se destacam: *método genético; método dogmático; história da filosofia; interpretação; sistema; doutrina; tempo lógico; tempo histórico; movimentos filosóficos; explicitação; discurso; metodologia; exposição e exegese.* Dessa forma, todos os termos se correlacionam com o objetivo de Goldschmidt em elucidar a **tese** de que o método dogmático (estrutural) é o mais adequado para se analisar a filosofia.

De acordo com o historiador de filosofia, existem duas formas de interpretação de um sistema enquanto um conjunto de teses e de dogmas. Essas duas formas de exegese são o método *dogmático* e o método *genético*. No método dogmático, a interpretação do sistema aceita os dogmas como verdadeiros não separando a léxis (a palavra) da crença; Por sua vez, no método genético, os dogmas são considerados como efeitos, sintomas de um tempo histórico. Dessa forma, se no método dogmático a postura do intérprete é a de interrogar o sistema sobre a sua verdade solicitando-lhe as razões pelas quais se consolidou, no método genético, o intérprete se interroga sobre a sua origem buscando as suas causas. Ora, nesse caso, a pesquisa se torna etnográfica, pois, engloba os fatos econômicos e políticos considerando a constituição fisiológica do autor, suas influências literárias e sua biografia intelectual. O método dogmático ou estrutural é eminentemente filosófico porque sua abordagem salvaguarda uma doutrina de acordo com a intenção de seu autor. Nas palavras de Goldschmidt:

[...] e, até o fim, conserva, no primeiro plano, o problema da verdade; em compensação, quando ele termina em crítica e em refutação, pode-se perguntar se mantém, até o fim, a exigência da compreensão [...] Enfim, o método dogmático, examinando um sistema sobre sua verdade, subtrai-o ao tempo; as contradições que é levado a constatar no interior de um sistema ou na anarquia dos sistemas sucessivos, provêm, precisamente, de que todas as teses de uma doutrina e de todas as doutrinas pretendem ser conjuntamente verdadeiras, "ao mesmo tempo". (GOLDSCHMIDT, 1963, p.139 -140).

Mas, porque o método genético foi descartado pelo autor? Segundo Goldschmidt, a interpretação genética possui sua relevância enquanto método científico e por ser instrutivo, não negando a sua eficácia para o reconhecimento das condições de possibilidade da vida e da obra

de um autor, mas, ao buscar as causas, se aventura a explicar o sistema pelos condicionamentos históricos⁶ não privilegiando a intenção do seu autor.

[...] ela repousa freqüentemente sobre pressupostos que, diferentemente do que acontece na interpretação dogmática, não enfrentam a doutrina estudada para medir-se com ela, mas se estabelecem, de certo modo, por sobre ela e servem, ao contrário, para medi-la. [...] O método genético, pelo contrário, põe, com a causalidade, o tempo; além disso, o recurso ao tempo e a uma "evolução" permite-lhe, precisamente, explicar e dissolver essas contradições. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.140).

Evidencia-se que o método dogmático se contrapõe ao método genético porque este último tende a considerar a filosofia como algo do passado, circunscrita em um tempo histórico que numa certa medida tenha condicionado a obra de seu autor. É obvio que esse método não deixa de ser contextual⁷, mas o grande problema é que ele não visa o tempo lógico do autor.

Ora, falar de movimentos e de progressão é, a não ser que fique em metáforas, supor um tempo, e um tempo estritamente metodológico ou, guardando para o termo sua etimologia, um *tempo lógico*. Em nada se cede, com isso, a um "psicologismo" qualquer. O tempo necessário para escrever um livro e para lê-lo é medido, sem dúvida, pelos relógios, ritmado por eventos de todos os tipos, encurtado ou alongado por toda espécie de causas; a esse tempo, nem o autor nem o leitor escapam inteiramente, assim como aos outros dados (estudados pelos métodos genéticos) que condicionam a filosofia, mas não a constituem. Porém, como escreve G. Bachelard, "o pensamento racional se estabelecerá num tempo de total não-vida, recusando o vital. Que a vida, por seu lado, se desenvolva e traga suas necessidades, é, sem dúvida, uma fatalidade corporal. Mas isso não suprime a possibilidade de *retirar-se do tempo vivido*, para encadear pensamentos numa ordem de uma nova temporalidade". Esta "temporalidade" está contida, como cristalizada, na estrutura da obra, como o tempo musical na partitura. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.143).

O tempo lógico é uma temporalidade nova inerente a filosofia, nele e a partir dele a filosofia se estrutura. Não se nega o tempo histórico, se defende que ele não estrutura a filosofia. Isto significa que o tempo do pensamento transcende o tempo cronológico. Mas, o cuidado aqui é não cair no psicologismo que seria um perigo por reduzir a filosofia à esfera psíquica do seu autor. Justamente por isso é que encontramos objetivamente por meio de obras filosóficas, em particular, no interior delas, em sua estrutura a temporalidade do pensamento filosófico.

⁶ Sobre essa questão da temporalidade da filosofia encontramos no texto de Gueroult a seguinte afirmação: "A validade lógica de cada sistema assume-o como sendo em si e por si, isto é, independente das condições contingentes pelas quais foi realizado. Uma validade lógica não começa no tempo. Apenas sua revelação nele se dá. Tão logo ela aí apareça, manifesta-se como intemporal por natureza. Assim, toda filosofia é Idéia eterna, e compreende-se que seja invulnerável à história. Por outro lado, essa Idéia envolve também as condições subjetivas iniciais de seu ser, as quais se referem às tendências e a este ou aquele valor correspondente, profundamente vivido. Então, o mundo das filosofias não é apenas um mundo de Idéias, mas também uma cadeia de valores [*un clavier de valeurs*]". (GUEROULT, 2007, p.238).

⁷ Sobre esse aspecto do método dogmático encontramos a seguinte afirmação de Gueroult: "Cada filósofo está convencido de que sua filosofia surge em total independência pela força de suas razões constituintes e que, desse modo, escapa ao determinismo das causas exteriores à implicação interna dos conceitos". (GUEROULT, 2007, p.237).

Percebe-se com evidência que entre os historiadores da filosofia, especialmente, Bréhier, Gueroult e Goldschmidt a preocupação de que o leitor da filosofia deva voltar-se para a análise específica do conteúdo doutrinário das filosofias, conteúdo este delimitado, em sua significação, pelas condições históricas em que foi produzido com seus “dogmas”. Dessa forma, o que se deve procurar nessa história é o duradouro, que é justamente o que denominamos de “estrutura”. Ora, a busca pelo duradouro revela-nos que não há um progresso em filosofia, isso devido a cada filósofo ter o seu próprio fundamento, seus conceitos, idéias e referências que balizam a sua filosofia. Por isso, é preciso separar os filósofos pelos seus fundamentos. Portanto, essa mesma busca pelo duradouro significa que tanto a filosofia antiga quanto a moderna são indestrutíveis, pois são atemporais. Nas palavras de Bréhier: “[...] a história, cujo domínio é o temporal, visa contudo o atemporal e por ela, a filosofia procura, no seu passado, seu eterno presente”. (BREHIER apud ULHÔA, 1997, p. 53).

Nesse sentido, observamos que as idéias filosóficas possuem uma autonomia fundamental em relação à história. Assim, podemos afirmar que não existe uma história da filosofia, mas a Filosofia. Não se quer negar, com isso, a existência da cronologia, somente afirmar que frente a esta a filosofia permanece indestrutível. Por isso, a descoberta das estruturas é capital para o estudo de qualquer filosofia, porque é por elas que se constitui seu monumento sob o título de "filosofia", por oposição à fábula, ao poema, ao mito, ao místico e a teoria científica em geral. Observa-se, nessa perspectiva, que a filosofia tem a sua especificidade especulativa e, por esse motivo não pode ser igualada a esses e outros tipos de conhecimento.

A opção metodológica de Goldschmidt na interpretação de um sistema considera que a filosofia é explicitação e discurso, pois,

Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões. A progressão (método) desses movimentos dá à obra escrita sua estrutura e efetua-se num tempo lógico. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.140).

Com a explicitação do método escolhido Goldschmidt passa a expor seus argumentos para a utilização do método estrutural. Na medida em que o intérprete utiliza o método dogmático (estrutural) de um modo progressivo, passa a ter acesso aos movimentos constituintes da obra. Para tanto, a interpretação em filosofia deve consistir em um reaprendizado da intenção do autor, da ordem das razões por ele elencada, isto é, deve-se seguir a “trilha do autor” sendo por ele conduzido e, sobretudo, em “*jamais separar as teses dos movimentos que as produziram*”. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.140).

As teses são as “teias” de idéias que formam a trama narrativa do autor, elas aparecem na medida em que são destacadas as articulações que, por sua vez, demarcam os movimentos discursivos. Por isso, é que a filosofia é conceituada por Goldschmidt de explicitação e discurso. Em que sentido filosofia é explicitação? No sentido de que ao instaurar uma filosofia o filósofo, pretendeu oferecer ao intérprete um pensamento desenvolvido, ou seja, em pleno acabamento. Nesse caso, cabe ao leitor e exegeta “*não reduzir à força esse desenvolvimento a sua fase embrionária, nem em sugerir, por imagens, uma interpretação que o filósofo julgou dever formular em razões*”. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.140). Expõe-se, com isso, sobre o perigo da interpretação subjetiva e, portanto, duvidosa, porque se torna mais um comentário livre do que uma exegese do texto propriamente dita.

Contudo, diante de um texto filosófico é preciso se questionar: do que se trata o texto? Qual a sua estrutura? Certamente, que a última postura (a exegeta), alcança com vigor análise estrutural porque não separa a doutrina do método, ou seja, o que um autor ensina pode se elucidar a partir do momento em que compreendemos o método que foi utilizado. Por isso,

Goldschmidt afirma que doutrina e método não são elementos separados porque o método encontra-se em ato nos próprios movimentos do pensamento filosófico, nesse sentido, a tarefa do hermenêuta consiste em “*restituir a unidade indissolúvel deste pensamento que inventa teses, praticando um método*”. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.141-142). Ora, restituir implica em devolver a ordem das coisas, restaurar a unidade das premissas de cada argumento lógico, procurando assegurar a verdade. Eis em que consiste a pesquisa em matéria de filosofia:

A pesquisa, em matéria de filosofia, não procede somente da verdade, mas faz corpo com ela. Assim, para compreender uma doutrina, não é suficiente não separar a *léxis* da crença, a regra, de sua prática; é preciso, após o autor, refazer os movimentos concretos, aplicando as regras e chegando a resultados que, não por causa de seu conteúdo material, mas em razão desses movimentos, se pretendem verdadeiros. Ora, esses movimentos se nos apresentam na *obra escrita*. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.142).

A potencialidade da análise estrutural está em refazer o percurso do autor por meio da sua obra escrita valorizando o texto “linha por linha”, investigando as suas entrelinhas, dissecando suas argumentações para dividir os seus movimentos internos no intuito de encontrar a verdade. A verdade aqui é assegurada pela validade (coerência) dos argumentos principais, da procedência dos termos, da sua unidade lógica. Por isso, é que *exposição e descoberta*, numa obra filosófica, coincidem, mas essa realidade somente se efetiva quando o intérprete não separa doutrina e método, até porque a exposição é de um ensinamento que é descortinado por meio de uma prática metodológica, a análise estrutural.

Os movimentos do pensamento filosófico estão inscritos na estrutura da obra, nada mais sendo esta estrutura, inversamente, que as articulações do método em ato; mais exatamente: é uma mesma estrutura, que se constrói ao longo da progressão metódica e que, uma vez terminada, define a arquitetura da obra. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.143).

Então, trata-se de descobrir o método que o autor (um filósofo) utilizou para erguer a sua construção textual, depois do desvelar metodológico, passa-se a seguir a ordem que garantiu a sua instauração, isto é, de um modo progressivo de acordo com os elementos que são apresentados em cada parágrafo até chegar ao acabamento arquitetônico, próprio de um sistema. Ao realizar essas etapas estamos repondo um sistema no seu tempo lógico. Nas palavras de Goldschmidt:

De um modo mais geral, repor os sistemas num tempo lógico é compreender sua independência, relativa talvez, mas essencial, em relação aos outros tempos em que as pesquisas genéticas os encadeiam. A história dos fatos econômicos e políticos, a história das ciências, a história das idéias gerais (que são as de ninguém) fornecem um quadro cômodo, talvez indispensável, em todo o caso, não-filosófico, para a exposição das filosofias; eis aí, escreve E. Bréhier, "o tempo exterior ao sistema". (GOLDSCHMIDT, 1963, p.144-145).

Dessa forma, se conclui que, deixar de lado a estrutura dos sistemas filosóficos implica em desqualificá-los. É preciso atentar que a filosofia possui a sua própria historicidade que não pode ser reduzida a narrativa de fatos. Assim, exige-se dos historiadores de filosofia a responsabilidade com a Tradição das idéias filosóficas para que não ocorra a uma suplantação dos fundamentos teóricos que gravitam a arquitetura de uma filosofia ainda que apareçam outras

obras que não façam parte do cânon filosófico que foi legitimado pela mesma Tradição. Nas palavras de Goldschmidt:

É o que explica o recurso necessário, da parte do historiador, à *obra assumida*. Seja qual for o valor dos inéditos, eles não são, enquanto concebidos num tempo unicamente vivido, construídos no tempo lógico, que é o único a permitir o exercício da responsabilidade filosófica. Notas preparatórias, onde o pensamento se experimenta e se lança, sem ainda determinar-se, são *léxis* sem crença e, *filosoficamente*, irresponsáveis; elas não podem prevalecer contra a obra, para corrigi-la, prolongá-la, ou coroá-la; muito freqüentemente, não servem senão para governá-la, e, desse modo, falseá-la.

A “obra” legitimada pela Tradição e “assumida” pelo historiador de filosofia possui a primazia sobre as “obras inéditas”, mesmo que venham confirmar ou contradizer a obra que esteja na pauta dos estudos exegeticos.

Ora, o historiador não é, em primeiro lugar, crítico, médico, diretor de consciência; ele é quem deve aceitar ser dirigido, e isso, consentindo em colocar-se nesse tempo lógico, de que pertence ao filósofo a iniciativa. (GOLDSCHMIDT, 1963, p.146-147).

Vê-se aqui qual o lugar do intérprete de filosofia na análise estrutural de obras. A tradição filosófica o conduz a interpretar a história da filosofia sob a égide da filosofia levando em conta o tempo lógico e não ao tempo cronológico da história. Os limites da interpretação são dados pelo próprio autor no contexto da obra por meio do discurso racional.

CONCLUSÃO

Como se pôde observar, ao longo dessa pesquisa, os opúsculos de Marcial Gueroult e Victor Goldschmidt são de suma relevância para a história da filosofia contemporânea porque elucidam não apenas os princípios do método estrutural, mas, sobretudo, salvaguardam a dignidade da filosofia e sua atemporalidade, demonstrando assim, o que ela significa para a historiografia francesa do século XX.

Os dois textos se complementam, em vista disso, as perguntas que conduziram esta pesquisa: De que forma podemos apreender a filosofia? Qual é o Método mais filosófico na Interpretação dos Sistemas filosóficos? Estão correlacionadas porque tratam de uma abordagem metodológica em filosofia. Assim, tanto a primeira como a segunda questão apontam para a *análise estrutural* como um modo privilegiado de se apreender a filosofia porque descreve o pensamento conservando a intenção do seu autor. Isto implica em dizer que sua descrição abrange aspectos gerais e minuciosos que estruturam uma filosofia seja ela idealista ou realista, mas também tal análise auxilia o exegeta na compreensão de obras de filósofos sistemáticos ou assistemáticos, pois, quer de um modo ou de outro, todos os filósofos possuem um discurso racional.

Cabe ao intérprete, adotar alguns procedimentos que podem ser resumidos em algumas questões tais como: em que consiste o texto? Como está estruturada a obra? Quais são as teses principais? Quais são os argumentos principais e secundários? Quais são os exemplos dados pelo autor? Caso contrário, há o perigo de cair no subjetivismo interpretativo, de privilegiar a análise genética em detrimento da estrutural e de apresentar a filosofia como algo do passado. Mas,

sobretudo, o contra senso do intérprete se sobrepõe ao próprio filósofo, o qual detém a autoria das teses e o plano das argumentações da obra com a finalidade de responder a um determinado problema que se constituiu em um tempo lógico.

REFERÊNCIAS

BREHIER, Émile. **História da filosofia**. Tomo I. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Curso de filosofia: lógica e metodologia**. São Paulo: EPU, 1986.

FOLSCHEID, D; WUNENBURGER, J.-J. **Metodologia filosófica**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: A religião de Platão. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

GUEROULT, Martial. **Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos**. Tradução de Pedro Jonas de Almeida. In: Trans/ Form/ Ação. São Paulo, 30 (1): 235-246, 2007.

ULHÔA, Joel Pimentel de. **Reflexões sobre a leitura em Filosofia**. Ed. UFG, GOIANIA, 1997.